

## Commune mesure

crônicas de Renaud de Jouvenel,  
Paris, E. S. I., 1938

O nome de Renaud de Jouvenel não é desconhecido para quem já leu algum dos volumes da excelente *Collection Ciment* da casa E. S. I.: é ele quem dirige essa colecção, destinada a contribuir para a salvaguarda da cultura e para a construção de uma literatura realista e social. Renaud de Jouvenel, além disso, deve ser conhecido para muitos leitores, através do seu interessante *Panorama da América latina* (E. S. I.).

*Commune mesure* é um livro de crônicas. Não é porém um livro de crônicas à maneira tradicional, em que os assuntos sejam meros temas para exercícios literários, de efeito garantido entre as gentes «bem». As crônicas de Renaud de Jouvenel são neo-realistas: tem por objecto uma visão social da realidade. Para o realismo e para o naturalismo a arte devia dar as características naturais das coisas e das pessoas. Para o neo-realismo, a arte deve dar da realidade uma visão social, quer dizer, uma visão em que as pretensas características «naturais» das coisas sejam explicadas pela história, pela vida social, pela prática, pelas lutas de interesses, etc. (Parece ficar assim bem explicado, de uma vez para sempre, o sentido de «arte social», Sr. José Régio!).

Na crônica há um predomínio da deformação intencional da realidade, destinado a imprimir a factos comuns o valor de símbolos, ou há um predomínio do comentário sobre o fundo, sobre a realidade-estímulo. Na reportagem, porém, embora o comentário possa não estar ausente, o que predomina é a descrição minuciosa de uma determinada realidade. Em *Commune mesure*, não há só crônicas, há também reportagens; devendo dizer-se até que pela própria atitude do cronista perante a realidade, o livro oscila da primeira à última página entre a crônica e a reportagem. Eis um facto significativo na evolução dos géneros literários: o neo-realismo vem atenuar a distinção entre a crônica, abstracta, genérica e tantas vezes puramente retórica (não esqueçamos a voga

que teve a crônica com o romantismo) e a reportagem, concreta, sóbria e objectiva. «Champs-Elysées», em que Renaud de Jouvenel nos descreve a avenida das «élites» de Paris, «L'employé de banque», em que nos dá a vida de um banco, desde a abertura até ao encerramento, «Boite de nuit», em que foca a vida de um cabaret, etc.—são verdadeiras reportagens. Mais próximo do género crônica, temos, por exemplo, «Une rue», em que é esboçada a traços largos a vida de «uma» rua, «Sa grandeur del hautes phinances», em que compendia a marcha progressiva de um financeiro e «Le réfugie», em que encontramos o drama de um refugiado alemão, vítima das perseguições nazis.

Renaud de Jouvenel pôs no seu livro o que alguém chamou «o seu ódio», o que faz de *Commune mesure* o documento patético de uma época de vergonhoso deshumanismo, um depoimento dramático sobre a vida de hoje, cheia de desigualdades, de explorações e de misérias. Em cerca de duzentas páginas, pôs uma mancha inapagável de censura amarga, de crítica imperdoável, de denúncia vibrante. Onde Renaud de Jouvenel encontra os sinais, mesmo apagados, da orgânica social vigente, agita-os como um archote, queimando as barbas dos que estão mais próximos. A verdade é renovadora. E o que é difícil é conhecer a verdade e ter a coragem de não fugir dela. Porque a verdade não pode agradar a todos...

A verdade é a expressão das contradições da vida. Mas o conhecimento dessas contradições é, implicitamente, a sua própria crítica. Um exemplo: descrevendo o stand de automóveis da casa Citroën nos Campos Elíseos, Renaud de Jouvenel escreve: «Citroën apresenta os seus carros num hall de exposições com dez

metros de pé direito. Há mais ar aqui, para máquinas inanimadas, do que na fábrica para os que as fabricam. Quantas famílias podem meter-se num cubo destes, nos bairros pobres?». A visão é realista, o que quer dizer que contém uma crítica precisa e adequada. Em vez de fazer frases sobre a policromia dos esmaltes das «condutas», ou em vez de cantar as linhas puras do mais moderno aerodinamismo, Renaud de Jouvenel vê as coisas como um neo-realista, vê-as nas suas relações, dialécticamente, integradas num certo meio, acorrentadas a certos interesses.

A encimar as suas crônicas, pôs algumas epígrafes admiráveis. Esta, por exemplo, extraída do «Annuaire Chaix» vem numa crônica sobre os que vivem debaixo das pontes: «Sr. Eugénio Schneider, da casa Schneider, da Sociedade metalúrgica da Normandia, das Forjas e Fábricas de Aço de Herta Bankowa, da União europeia industrial e financeira, da sociedade franco-suíça de energia eléctrica, dos caminhos de Ferro Paris-Lyon-Marselha, do Banco dos países do norte, do Crédito leonês, etc.». Outra epígrafe curiosa é esta, extraída do mesmo anuário, que figura numa crônica sobre a morgue: «Admirante Lacare, do crédito predial de Madagascar, da sociedade provençal de construções navais, dos Transportes marítimos, da companhia de navegação Fressinet, da sociedade francesa de navegação danubiana, da união comercial indochinesa e africana, de Schneider & Co., etc.».

*Commune mesure* é um livro forte, para homens fortes, que reclamam «valores energéticos». Deve picar na língua e queimar a garganta como um licor concentrado aos nossos literatos todos estéticos e estetizantes dos pés à cabeça. *Commune mesure* não é um livro para os fraldiqueiros da arte «quimicamente pura» farejarem nele o quilate estético. É um livro para os homens que se sentem ligados à vida e que a querem transformar.

RODRIGO SOARES

préviamente seleccionados, arranjados e falsificados. Jean Pons é um autor franco que declara abertamente o método que seguiu: o método dialéctico e materialista da compreensão da história.

A revolução francesa, em que podem distinguir-se qua-

tro revoluções—a revolta da nobreza de 1788, a revolução burguesa de 1789, a revolução democrática pequeno-burguesa de 1792 e os prenúncios de uma revolução social em 1793 e 1796—é a passagem brusca, catastrófica e violenta do sistema feudal, fundado na pro-

riedade das terras, ao sistema burguês, fundado na propriedade dos capitais e no trabalho assalariado. Tanto basta para que constitua um dos mais fecundos temas de reflexão para quem se interessa pelos problemas sociais e humanos.

—Na colecção «Les pages immortelles», das «Editions Corrêa», de Paris, apareceram mais 3 volumes sobre: «Tolstoi», «Nietzsche» e «Darwin», respectivamente de S. Zweig, H. Mann e Julian Huxley (Cada volume, 21 fr.).

—Num dos últimos números de «Les Nouvelles Littéraires», num artigo intitulado «Erasmus, cidadão do mundo», Etienne Gilson, professor do Colégio de França, escreve em sub-título: «Se ele vivesse hoje o campo de concentração para intelectuais refractários esperá-lo-ia sem dúvida».

—A livraria «Albin Michel» editou «Un testament espagnol», do jornalista inglês Arthur Koestler, que foi correspondente de guerra do «News Chronicle» durante a guerra civil, preso e condenado à morte em Málaga pelos Nacionalistas, por causa do seu livro anterior «L'Espagne Ensanglantée». «Un testament espagnol» são notas escritas na prisão «dans l'attente immédiate de la mort», que afinal não chegou, porque Koestler foi libertado ao fim de 4 meses (25 fr.).

—Anuncia-se para breve o aparecimento do 4.º e último volume, «Les Lépreuses», do ciclo das «Jeunes Filles», do grande escritor francês Henri de Montherland.

—Para comemorar o 150.º aniversário da Revolução Francesa, tem publicado ultimamente o «E. S. I.» vários estudos. Depois de «Coblence» de H. Chassagne e «La Naissance de L'Armée Nationale» de J. Leverrier, editou agora uma edição revista por A. Mathiez da «Histoire Socialiste de La Révolution Française», do grande Jean Jaurès. Sobre ela diz Mathiez: «O monumento que Jaurès elevou à Revolução Francesa ficará. As histórias anteriores eram tôdas políticas. A sua apresentou pela primeira vez o quadro económico e social da grande crise que foi o berço da civilização moderna» (8 vol.—400 fr.).

—Acaba de ter lugar em Londres uma exposição das obras de Paul Cézanne. Quando teremos nós a possibilidade de ver os quadros do grande pintor em Portugal?

—A escritora Marie Amon, que abandonou Viena após o Anschluss, acaba de publicar um romance: «Barrières» (Ed. Denoel).

—No número de 15 de Maio começou a revista «Europe» a publicação das respostas a um inquérito subordinado ao tema seguinte: «Como auxiliar a juventude francesa?»

—A mesma revista publicará um número especial por ocasião do cento e quinquentenário da Revolução Francesa.

—Paul Langevin e Georges Cogniot são os directores da revista trimestral «La Pensée» que acaba de aparecer. Revista de Ciências, Arte e Filosofia, e colaborada por nomes como os de Labéronne, Prénant, etc., o seu preço é de 20 fr. (ed. E. S. I.)

Neste livro de pequeno formato, que apenas conta 425 páginas, Jean Pons, numa exposição amena e bem conduzida, deu-nos um grande livro para a juventude. Pudesse ela lê-lo e meditar-lhe as conclusões.

RODRIGO SOARES